

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

26

INSCRIÇÕES 118-121



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1988

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O *FICHEIRO EPIGRÁFICO* publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of *CONIMBRIGA* whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO

Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS

Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga

ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja
Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos
Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José
d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA"
(2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.



Depósito Legal N° 191563/03

UMA ARA FUNERÁRIA DO CASTRO DOS RATINHOS (MOURA)

Foto 118

Ara funerária de mármore branco da região, encontrada junto ao Castro dos Ratinhos, freguesia de S. João Baptista, concelho de Moura, guardada no Museu Municipal de Moura (n.º de inventário: 1561).

O monumento encontra-se truncado, faltando-lhe a base. O capitel, encimado por um frontão triangular ladeado de dois toros, foi picado na face anterior.

O campo epigráfico foi muito bem delimitado pela moldura rectangular que o envolve e que está parcialmente mutilada no seu lado esquerdo. Apresenta decoração lateral constituída, do lado direito, por dois festões verticais e paralelos, ostentando duas bolas cada um e por um jarro, do lado esquerdo.

Dimensões: 68,5 × 24,5 × 18,5.

Campo epigráfico: 31,4 × 12,7/13,5.

D(iis) . M(anibus) . S(acrum) . ASIN(ia) . PR/ISCILLA /
PAC(ensis) . C(oniux?) . R(arissima?) . AN/^sN(orum) . XXXI
(triginta unius) H(ic) S(ita) E(st) / A(sinius) . H(onoratus?) . V(xori) .
P(iissimae) . P(onendum) . C(uravit) . / S(it) . T(ibi) . T(erra) . L(evis) .

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Asínia Priscila, pacense, esposa insigne (?), de trinta e um anos. Asínio Honorato (?) mandou fazer a sua esposa piíssima. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: l. 1: 2,8/3; l. 2: 3/3,4; l. 3: 2,8/3,3; l. 4: 2,8/3;
l. 5: 3/3,2; l. 6: 2,6/3,2; l. 7: 2,5/3,7. Espaços: 1: 1,7/2,1; 2: 1;
3: 0,9/1,2; 4: 0,6/1; 5: 1,2; 6: 1/1,5; 7: 1/1,3; 8: 0,7/2,2.

O texto encontra-se regularmente distribuído pelo campo epigráfico, com alinhamento à esquerda, notando-se a preocupação de centrar as fórmulas inicial e final. Na linha 5, a distribuição dos caracteres pelo espaço existente foi mal programada, tendo havido necessidade de comprimir as últimas letras. A pontuação, triangular, segue irregularmente as normas: nas linhas 1, 6 e 7 existem pontos no final e, por falta de espaço, a translineação da linha 2 para a linha 3 não respeita as normas.

A gravação, em caracteres capitais actuários, apresenta os LL com uma barra horizontal ligeiramente descaída em arco, os AA não têm barra horizontal e verifica-se que houve alguma dificuldade na gravação dos SS.

Os antropónimos registados neste epitáfio são pouco comuns na Península Ibérica ⁽¹⁾. Com efeito, o CIL II apenas regista seis vezes o gentílico *Asinius* e quatro vezes o *cognomen* *Priscilla* que, em todo o caso, podemos afirmar tratar-se de um *cognomen* cuja forma feminina é largamente predominante ⁽²⁾.

No que respeita à forma como interpretámos o *cognomen* do dedicante, devemos vincar que se trata apenas de uma hipótese cuja confirmação é praticamente impossível.

Nesta inscrição é ainda de salientar a indicação expressa da naturalidade da defunta. É aliciante a hipótese de, na l. 4, interpretarmos PAC(e) C(ivium) R(omanorum) ou mesmo PAC(ensis) C(ivis) R(omana), a indicar que Priscila seria natural de *Pax Iulia* com estatuto de cidadania romana — ela e o agregado populacional donde provinha. O inusitado da expressão, sem paralelos nossos conhecidos, leva-nos, no entanto, a apresentá-la com reservas.

A dedicação aos deuses Manes e a ausência do *praenomen* do dedicante sugerem-nos uma datação em finais do séc. II.

RAFAEL A. E. ALFENIM

⁽¹⁾ Cfr. ENCARNÇÃO, J. d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* Coimbra, 1984, p. 465 e 515.

⁽²⁾ KAJANTO, Iiro, *The Latin Cognomina*, Giorgio Bertschneider Editore, Roma, 1982, p. 288, recenseia 141 mulheres e apenas 6 homens com este, cognome no conjunto do CIL.



Foto 118

Foto de António Cunha
(Gentilmente cedida pela Câmara Municipal de Moura)

O EPITÁFIO DE COMARIUS, DE MOURA

Foto 119

Ara funerária de mármore cinzento, encontrada a 50 m do edifício dos Quartéis ⁽¹⁾, na área urbana de Moura e guardada no Museu desta cidade (n.º de inventário: 1560). A ara está completa, mas fracturada na aresta anterior esquerda. Quando do seu achamento foi partida em duas partes, abaixo da moldura, o que dificulta a leitura da linha 3. Actualmente, ambas as partes estão coladas.

A ara apresenta um capitel com a mesma largura e espessura do fuste, estando separado deste por uma moldura envolvente. Na parte inferior, a base destaca-se a toda a volta.

A epígrafe ultrapassa o espaço que lhe seria normalmente dedicado, ocupando também as faces da moldura de separação entre o fuste e o capitel (2 primeiras linhas) e da base (3/4 últimas linhas).

	24	8	(capitel)
Dimensões:	47,7	26,5	11 (moldura)
	24	8	(fuste)
	27	10,5	(base)

	26,5	(moldura)
Campo epigráfico:	35	24 (fuste)
	27	(base)

(¹) Posteriormente tive conhecimento de um novo achado epigráfico, na mesma área, aquando das obras de prolongamento da R. da República. Trata-se também de uma ara funerária, cuja inscrição se tornou quase totalmente ilegível. O conjunto assim formado e a excentricidade do local relativamente ao castelo e, portanto, ao que terá sido o núcleo urbano original, deixam supor que se trate de uma área de necrópole, periférica à cidade romana, muito provavelmente junto a uma via.

D(iis) M(anibus) S(acrum) / COMARI/VS POS(ui) ME/MO-
 RIAM /⁵ [CO]NIVGI M[E]/Æ SILVINE / [Q]VIS PERVIXS(it) /
 / [M]ECV<M> ANNOS / [X]XV (*quinque et viginti*) SIT TI(bi) /
¹⁰[T]E[RRA] [LEVIS]

Consagrado aos deuses Manes. Comário coloquei em memória de minha mulher, Silvina, que comigo viveu vinte e cinco anos. Que a terra te seja leve!

Altura das letras: l. 1: 2,7; l. 2: 2,8/3; l. 3: 3; l. 4: 2,4; l. 5: 2,5; l. 6: 2,7; l. 7: 2,6/3; l. 8: 2/2,8; l. 9: 2,5/3,5; l. 10: 2,7. Espaços: 1: 0,8/1,5; 2: 1,5; 3: 1,2; 4: 1; 5: 0,2/1; 6: 1,2; 7: 0,8/1,2; 8: 0,3/0,5; 9: 0.

A gravação, em caracteres capitais actuários, denota alguma dificuldade do *ordinator* em fazer a paginação de um texto demasiado extenso para uma pedra que provavelmente já existia na oficina, ou para a sua arte. Apenas na forma inicial de consagração aos deuses Manes parece haver uma preocupação com a distribuição das letras da sigla mediante a procura de um eixo de simetria. O restante texto não está axializado, não tem qualquer alinhamento à direita e não o adivinhamos à esquerda.

A leitura desta inscrição põe alguns problemas devido às mutilações sofridas pelo monumento e que atrás se referenciam. Na primeira linha, o D surge grafado em posição invertida. O L (l. 6) não apresenta barra horizontal bem definida, sendo apenas uma barra vertical ligeiramente arqueada para a direita na sua parte inferior.

As linhas 9 e 10 põem alguns problemas, sobretudo no tocante à fórmula final; parece-nos, no entanto, podermos admitir a sua escrita por extenso, estando apenas abreviado TI(bi), ainda na linha 9. Admitimos a existência de uma décima linha, uma vez que, por baixo do segundo X da linha 9, se vêem, nitidamente gravadas, três barras horizontais, de iguais dimensões, que constituem o único vestígio dessa última linha e que poderemos reconstituir como E. Averiguando as palavras anteriores e o espaço que restaria à esquerda e à direita, parece-nos que apenas poderíamos reconstituir da forma que fizemos.

Pela forma como se identificam, dedicante e defunto, parece tratar-se de indígenas ou libertos.

O antropónimo do dedicante é muito raro. Consultados os principais *corpora* de inscrições, não encontramos qualquer paralelo para a Península Ibérica, apenas no Norte de Itália, em Milão, conseguimos detectar um outro *Comarius* ⁽²⁾. Silvina já não é tão raro, embora não conheçamos nenhuma outra ocorrência da forma feminina na Península Ibérica (CIL II — 14 *Silvinus*); Kajanto recenseia, no CIL, 86 homens e 37 mulheres com este nome ⁽³⁾.

Pouco frequente é a forma como não se indica a idade com que morreu Silvina, mas o número de anos que viveu com o seu cônjuge que manda erigir o monumento e que, por certo, não saberia a idade da esposa à data da morte, mas tinha bem presente o número de anos que com ela tinha vivido ⁽⁴⁾.

A dedicatória aos deuses Manes e a forma como se identificam defunta e dedicante sugerem-nos uma datação nos finais do séc. II.

RAFAEL A. E. ALFENIM

⁽²⁾ SCHULZE, Wilhelm, *Zur Geschichte Lateinischer Eigennamen*, Weidmann, Berlin/Zürich/Dublin, 1966, p. 354.

⁽³⁾ KAJANTO, Iiro, *The Latin Cognomina*, Giorgio Bertschneider Editore, Roma, 1982, p. 162. Id., *ibid.*, pp. 36, 58 e 91, cfr. discussão da origem e significado.

⁽⁴⁾ Note-se, porém, que se esta indicação encontra outros exemplos na epigrafia peninsular (cf. CIL II p. 1193 — sete exemplos), a utilização do verbo *pervivere*, a dar uma ideia de continuidade futura, é que é extremamente rara (nenhum testemunho registado em CIL II).

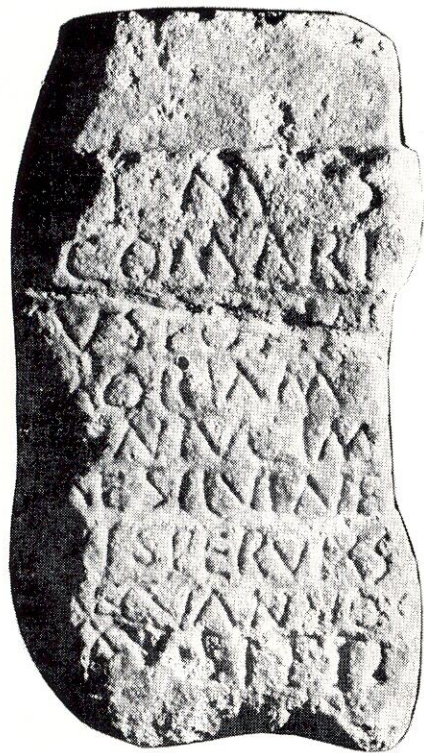


Foto 119

Foto de António Cunha
(Gentilmente cedida pela Câmara Municipal de Moura)

FRAGMENTO DE PLACA FUNERÁRIA DE S. MIGUEL DE MACHEDE

Foto 120

Foi identificado, no Monte da Morgada, freguesia de S. Miguel de Machede, concelho de Évora, o fragmento de uma placa funerária romana, de granito de grão fino, que tive ocasião de estudar, em Fevereiro de 1986, na sede do Serviço Regional de Arqueologia do Sul, onde ficou depositado ⁽¹⁾.

De cor rosada (Munsell — 10 YR 6/2), o fragmento mantém a face superior original bem como (eventualmente) a da esquerda.

M . IVLIVS [*cognomen*] / DOBITERI [F(*ilius*) ...] / [...] / [...]

Altura das letras: l. 1: 8; l. 2: 7. Espaços: 1: 9; 2: 5,5.

Parece ter havido preocupação de alinhamento à esquerda. Ponto redondo. Caracteres de grande regularidade: quase os classificaria como capitais quadrados, atendendo à simetria interna que apresentam (veja-se o S, o M, o V) e à perpendicularidade dos traços (T, E).

⁽¹⁾ Agradeço penhoradamente ao Dr. Caetano de Mello Beirão, então director do Serviço, a prontidão com que se dignou comunicar-me o achado, assim como o pedido feito para que o estudasse, fornecendo-me todos os elementos ao seu dispor.

Trata-se, sem dúvida, do epitáfio de um Marco Júlio. E, se a pertença a uma *gens Iulia* não é de admirar no termo de Eborā Felicitas Iulia, o mesmo se não dirá de mais um testemunho de *M. Iulii*, pouco documentados no *conventus Pacensis* (cf. IRCP, p. 370). O caso registado mais próximo de S. Miguel de Machede é o de *Marcus Iulius Proculus*, no santuário a Endovélico, no vizinho concelho do Alandroal (IRCP 510).

O antropónimo da l. 2 é seguramente *Dobiterus*, de que outros exemplos se conhecem, inclusive em zonas não muito afastadas⁽²⁾. Nota-se a parte superior do D, quase metade do O e também o B se reconstitui sem dificuldade apesar do desgaste aí sofrido pelo granito; o R está praticamente completo; a seguir, a observação da fractura, que é bem vertical, no rasgo original do I, justifica que se reconstitua o patronímico. O cognome estaria, pois, no seguimento da l. 1, de modo que o defunto, indígena romanizado de fresca data, se identificava com os *tria nomina* seguidos da indicação da filiação à maneira indígena⁽³⁾.

Teríamos, possivelmente, mais duas linhas, com a menção da idade, a fórmula H. S. E. e, quiçá, a referência ao dedicante.

Pelo modo de identificação e atendendo também à paleografia, o epitáfio deverá datar-se da primeira metade do século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

(2) Cf. IRCP 627, de Marvão. Acerca da ocorrência e do significado deste antropónimo e suas variantes, pode consultar-se com proveito: MORA-LEJO LASO (A.), *Sobre los nombres Dobiterus, Dovitena*, «Actas del V Congreso Español de Estudios Clásicos», Madrid, 1978, p. 449-454.

(3) Não é caso ímpar na epigrafia do *conventus Pacensis*: cf. IRCP p. 888, exemplos de *patris nomen post filii filiaeve cognomen positum*.



Foto 120

O EPITÁFIO PALEOCRISTÃO DE *AIANES*, (MÉRTOLA)

Foto 121

Encontrada no Rossio do Carmo, durante trabalhos arqueológicos efectuados pelo Campo Arqueológico de Mértola, no sítio onde existiu a basílica paleocristã (cf. *FE*, 35-39), publica-se, agora, esta interessante inscrição funerária.

O texto foi gravado numa tampa sepulcral subrectangular, de mármore branco, de grão fino, que se apresenta danificada na parte superior, afectando a decoração e a primeira linha do texto.

Dimensões: $58 \times 28 \times ?$ (não é possível obter a espessura da tampa por esta ainda se encontrar cimentada na sepultura).

Campo epigráfico: $27,5 (+ 9,5 \text{ de decoração}) \times 25,9$.

(*columba, crux, columba*)

AIANÈS HON FEM̄ / FAM̄ DĪ VIXIT ANNOS / PLS M̄S
XXVIII REQVI/EVIT IN PACE DNĪ / D V NŌN IVLIAS /
/ ERA δLXI AS (*hedera*).

Altura das letras: $\pm 3,4$; l. 1, 3,5 ($O = 2$); l. 2, *II* inscritos, 1;
l. 3, *S* de *pl(u)s* e *V* de *requi-*, 1,5; l. 6, os numerais das dezenas e unidades da data, 1,2 / 2,8. Espaços: 0,9.

Como acontece noutras inscrições desta basílica, são ainda parcialmente visíveis as pautas verticais laterais que delimitam o campo epigráfico, equidistantes 0,9 dos bordos do suporte; as pautas horizontais definem espaços interlineares também de 0,9.

A *crux* (9,5 × 7,5) está ladeada por duas aves, pombas, afrontadas; o motivo decorativo visigótico de pássaros afrontados, ladeando um vaso que constitui o eixo de simetria de um conjunto simbólico, parece ser genuinamente cristão e encontra-se documentado na Hispânia nos sécs. v e vi (cf. H. SCHLUNK u. TH. HAUSCHILD, *Die Denkmäler der frühchristlichen und westgotischen Zeit*, Mainz, 1978, p. 138-139 e 191, e P. DE PALOL, *Arqueología cristiana de la España Romana*, Madrid, 1977, p. 271-272) e será de possível influência bizantina; a *crux*, ocupando o lugar do vaso, parece adequar-se à circunstância funerária da tampa sepulcral, consubstanciando as aves, simbolicamente, a ideia, ainda romana, de fidelidade, como em HOR., *Ep.* 1, 10, 5, *vetuli notique columbi*; este motivo das pombas e da cruz já era conhecido nas placas funerárias do Rossio do Carmo, cf. S. P. M. Estácio da VEIGA, *Memória das antiguidades de Mértola*, Lisboa, 1880, p. 114-115.

As letras, gravadas em duplo bisel, são particularmente cuidadas na l. 1. O alfabeto, de módulo acentuadamente rectangular, esguio, apresenta algumas variantes de letras. Assim, os *AA* mostram a barra quer quebrada (l. 1, 2, 4 e 6), quer horizontal (l. 1, 2 e 5); os *FF* apresentam duas formas, uma, l. 1, com enrolamento da barra superior, outra, l. 2, com um pequeno traço horizontal no pé, forma já conhecida no *atelier* de Mérida e em Mértola (cf. *FE*, 35). Com excepção do *O* da l. 1, perfeitamente circular, os restantes apresentam uma acentuada tendência para o alongamento; as barras interiores dos *MM* tocam-se a meia altura da letra.

Pode dizer-se que os sinais de abreviatura pertencem a três tipos diferentes: as barras sobrepostas, em *fem(ina)* *fam(ula)* *D(e)i*, em *D(omi)ni* e em *non(as)*; o traço oblíquo a cortar a letra inicial, em *d(ie)*; as *hederae* sobre a palavra abreviada, em *hon(esta)* e *m(inu)s*.

O único nexa que a inscrição apresenta é *ne*, em *Aianes*. O último *A* da inscrição é uma minúscula cursiva latina. O texto fecha com uma *hedera* decorativa de grande tamanho (8 × 3,5).

Leitura:

*Aianes hon(esta) fem(ina) | fam(ula) D(e)i vixit annos | pl(u)s
m(inu)s XXVIII (duodetriginta) requi|evit in pace D(omi)ni | d(ie) V
(quinto) non(as) Iulias | era δLXI (quingentesima sexagesima
prima) as.*

Cremos que *Aianes* aparece pela primeira vez na epigrafia paleocristã, pelo menos, do Mediterrâneo ocidental. A rotura do suporte que afecta, na l. 1, a parte superior da segunda letra poderia ter eliminado um traço horizontal que faria desta letra um *T*; neste caso teríamos um hipotético *Atanes* por *Athanes*, forma latina do grego ἀθανᾶς, qualificativo que, assim, entraria na antroponomástica por formação cognominal, mas de que não conhecemos qualquer exemplo; a verificar-se, teríamos nesta inscrição, talvez, a forma antiga do antropónimo *Atane* (< **At*<*t*>*ane* / **At*<*h*>*ane*, tb. hipoteticamente <*Athanas*) conhecido em Itália no séc. VIII. Poderíamos ainda admitir que aqui se encontrava uma forma feminina espúria (numa formação desinencial híbrida grecizante) do cognome, aliás raro, *Aiianius* (cf. E. VORBECK, *Militärinschriften aus Carnuntum*, Wien, 1980, p. 69-70) cuja forma feminina normal é *Aiiania*. A nossa preferência vai, no entanto, para a forma latina de Αἰιάνης que aparece numa invocatória a Deus (na forma Κύριος), do período bizantino (cf. Y. E. MEIMARIS, *Sacred names, Saints, Martyrs and Church Officials in the Greek Inscriptions and Papyri pertaining to the Christian Church of Palestine*, Athens, 1986, p. 30), com a natural síncope do primeiro *n* intervocálico. *Aianes* talvez se encontre, também, entre os nomes dos ofertantes, do famoso pavimento musivo da igreja de Monasterio cuja onomástica é a mais representativa da diáspora síria do Ocidente, no texto *Victori/nus [et Ai?]anes [cu]m suis f(e)cerunt p(edes) CC* (cf. G. BRUSIN e P. L. ZOVATTO, *Monumenti paleocristiani di Aquileia e di Grado*, Udine, 1957, p. 343, onde G. Brusin admite *Anes* por *Agnes*), que é datável do final do séc. IV ou, mesmo, do V.

Este epitáfio está datado de 3 de Julho de um ano que será 539 (cf. J. M.^a de NAVASCUÉS, *La era «...as»*, Madrid, 1951) ou 534 (cf. J. GIL, *Aera ... as, depundius, etc.*, «Cuadernos de Filología Clásica», X, Madrid, 1976, p. 375-384), consoante se optar por uma ou outra interpretação de valoração cronológica de *as* na epigrafia paleocristã do território definido pelo polígono Mértola-Mérida-Córdoba-Zahara.

MARIA MANUELA ALVES DIAS
CLÁUDIO TORRES

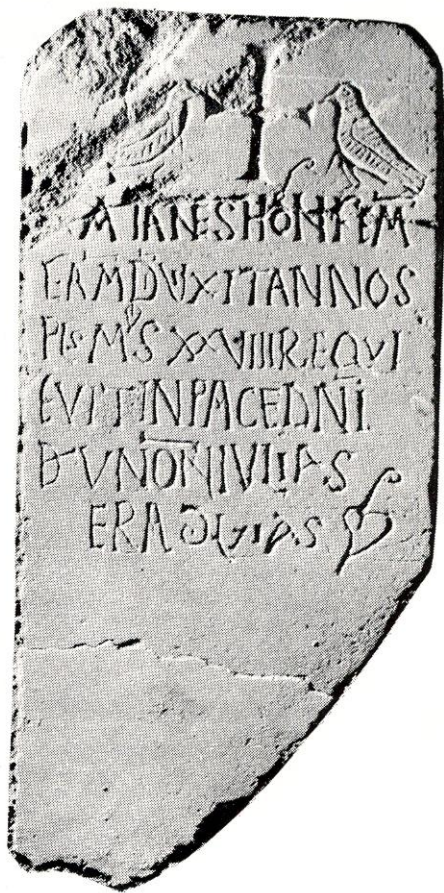


Foto 121